

Itamar Vieira Junior. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019. 264p.

Enquanto produto cultural que se abre para múltiplas formas de abordagem, o texto literário não convida apenas à pura fruição estética experimentada por um determinado público leitor, mas também dá margem para que esse mesmo conjunto de receptores seja capaz de problematizar e, conseqüentemente, questionar a realidade ali representada. Torna-se possível, assim, à experiência estética, fundamentada na relação dialética entre obra e leitor, apresentar todo o seu potencial como meio de acesso aos mais diversos mundos ficcionais. Nessa linha de reflexão, o hermeneuta alemão Hans-Georg Gadamer afirma que “o encontro com uma grande obra de arte é sempre [...] como um diálogo frutífero, um perguntar e responder ou um ser indagado e precisar responder – um verdadeiro diálogo junto ao qual algo veio à tona e ‘permanece’” (Gadamer, 2010, p. 101).

Diálogo altamente profícuo que o escritor baiano Itamar Vieira Junior¹ propõe com o seu premiado romance *Torto arado*². Publicado originalmente em Portugal, em 2018, pela editora LeYa, após vencer concurso literário lançado por tal casa editorial, o livro só viria a ser editado no Brasil no ano seguinte pela Todavia. Uma vez em terras brasileiras, conquistou dois dos principais prêmios literários nacionais, a saber, o Jabuti e o Oceanos, ambos em 2020. E o enorme sucesso obtido junto a leitores e críticos brasileiros em fins do ano passado não é gratuito, uma vez que *Torto arado* se evidencia como um texto fundamental para refletirmos sobre assuntos de extrema relevância para o nosso país, tais como racismo, preconceito, desigualdade social e

¹ Nascido em 1979, na cidade de Salvador, Bahia. Graduado em Geografia, com doutorado em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia. Previamente à publicação de *Torto arado*, lançou dois livros de contos, *Dias* (2012) e *A oração do carrasco* (2017). Atualmente, além de se dedicar ao ofício de escritor, atua como servidor público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

² Como influências para a redação do romance, Vieira Junior cita autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Raduan Nassar e Lima Barreto. A propósito, cf. Oliveira (2021) e Souza (2020).

exploração do trabalho. Além disso, sua importância só cresce no momento em que se leva em conta a presença de certa onda conservadora que atinge o Brasil atualmente. Concretiza-se, portanto, o processo indicado acima por Gadamer, na medida em que, ao propormos questões ao discurso ficcional, este, por sua vez, nos convoca para que respondamos e nos posicionemos diante de demandas inerentes à representação simbólica da realidade por ele representada.

Ambientada no sertão baiano, a ação de *Torto arado* centra-se majoritariamente na história da família das irmãs Bibiana e Belonísia, com destaque para o relacionamento que ambas passam a construir após um acidente de infância com uma faca, o qual marca de maneira indelével as suas respectivas trajetórias de vida. Estruturalmente, o romance apresenta-se dividido em três partes, as quais, por seu turno, são narradas por três instâncias narrativas diferentes. A primeira, “Fio de corte”, relata os eventos sob o ponto de vista de Bibiana; a segunda, “Torto arado”, o faz recorrendo à experiência de Belonísia; e a terceira, “Rio de sangue”, exibe como narradora uma figura essencial para a tradição mística afro-brasileira, uma velha encantada.

Paralelamente aos acontecimentos inerentes à existência das personagens principais, o enredo não deixa de destacar as distintas histórias de vida que povoam a fazenda de Água Negra e da região da Chapada Diamantina, as quais, sob diferentes matizes, influenciam e, ao mesmo tempo, sofrem influência dos atos praticados pelas irmãs. Igualmente relevante é a representação de problemas sociais característicos de um Brasil no qual ainda imperam relações de trabalho semi escravagistas, como se pode perceber pela leitura do trecho a seguir:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam de nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. (Vieira Junior, 2019, p. 220)

Nesse sentido, o fazer literário de Vieira Junior em *Torto arado* caracteriza-se como uma proposta de literatura em que a ênfase na “experiência subjetiva não ignora

a turbulência do contexto social e histórico” (Schøllhammer, 2011, p. 15-16). Diante disso, o romance retrata e problematiza em seu âmago diferentes temas, os quais, quando em contato com o horizonte de expectativas dos leitores, podem auxiliá-los em uma melhor compreensão e interpretação da obra em questão.

Elemento vital para a organização narrativa de *Torto arado*, a memória³ qualifica-se não somente como mecanismo de contextualização do passado das personagens, mas também como forma de os indivíduos refletirem sobre suas ações pretéritas e presentes, podendo, assim, posicionar-se frente ao mundo em que habitam. O processo memorial, no qual as representações de experiências pessoais e coletivas de outrora estão em inextricável relação, pode ser compreendido como “uma reconstrução continuamente atualizada do passado [...]”, conforme propõe Candau (2014, p. 9). Tal reconstrução não deve ser confundida com recriação, uma vez que a experiência recordativa apenas recria os efeitos de episódios do passado na consciência do sujeito que rememora. Além disso, o ato de lembrar opera uma profunda conexão entre passado e presente, haja vista a manifestação das imagens-lembranças (Bergson, 1999) no tempo presente estarem subordinadas aos desígnios atuais dos indivíduos e das sociedades.

As duas primeiras partes do romance, por exemplo, apresentam-se organizadas justamente por meio do discurso memorial, na medida em que narram distintos acontecimentos ocorridos nas trajetórias de vida de Bibiana e Belonísia, respectivamente. Deriva daí uma espécie de interrelação de imagens-lembranças, na medida em que determinados episódios são recordados por ambas, como é o caso do acidente com a faca de cabo de marfim da avó Donana, batizado de “evento” (p. 13). Bibiana, com pouco mais de sete anos, rememora o intenso e longo fascínio despertado pelo instrumento. Observe-se: “E no meio das roupas mal dobradas e arrumadas havia um tecido sujo envolto no objeto que nos chamou a atenção, como se fosse a joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo” (p. 15). Belonísia, na época contando seis anos, recorda com igual encanto a descoberta da faca. Veja-se: “Um brilho que se revelou de agouro, que se apossou de nossos olhos e nos fez

³ Às críticas que se possa fazer em relação ao grau de confiabilidade da faculdade mnemônica e sua real eficácia frente aos sujeitos que recordam, importa registrar, juntamente com Ricoeur (2007, p. 40), que, “se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar.”

esquecer o mundo e os perigos que todos diziam ter os objetos afiados, ‘cuidado com o fio de corte’, nos levando por fim ao evento que atingiria nossa inocência para sempre” (p. 124). Somada à fascinação está a tentativa das irmãs em decifrar o segredo inerente ao punhal.

Destacam-se, ainda, duas situações que revelam o papel creditado à memória na obra em questão. Primeiramente, Bibiana, ao refletir sobre a influência de Donana sobre sua vida e da irmã, reconhece a importância que as recordações tinham para a avó, conforme atesta o excerto a seguir: “[Donana] não gostaria de ter que se desfazer de suas lembranças por completo, porque a mantinham viva. Davam sentido ao que lhe sobrara dos dias [...]” (p. 27). Esse é o sentimento que as irmãs iriam eventualmente conhecer no momento em que optam por rememorar acontecimentos decisivos de suas vidas. Em segundo lugar, Belonísia, em certa altura de sua experiência recordativa, se dá conta do quão relevante o seu relato memorial poderia ser para as gerações futuras, situação que nos possibilita pensar em uma interdependência entre passado, presente e futuro. Observe-se: “Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai ser tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse” (p. 170). O uso do futuro do pretérito do indicativo é significativo aqui, tendo em vista que a narradora não empreendeu de fato tal ação, porém, considera-a como essencial no terreno das possibilidades. O simples fato de refletir sobre o assunto indica a transformação pela qual a personagem passa com o decorrer do tempo – torna-se uma contumaz leitora, adquirindo a capacidade de pensar de forma abstrata, por exemplo. Portanto, ao rememorarem acontecimentos de suas vidas, as netas de Donana repensam e ressignificam os episódios de outrora, atualizando-os no presente.

O acidente com a faca permite a reflexão em torno de um tema de grande importância para a estrutura narrativa de *Torto arado*, a questão da identidade. Estado construído socialmente, a identidade manifesta-se enquanto categoria central para a constituição do relacionamento entre Bibiana e Belonísia. Após descobrirem o fascinante objeto, as irmãs são tomadas pelo desejo de sentir o gosto do metal. Como consequência de tal ato, acabam se ferindo com a passagem da lâmina pelas suas bocas. Bibiana fere-se de forma leve, ao passo que Belonísia perde boa parte de sua língua,

fato que a deixa privada do dom da fala. Instaure-se, assim, uma verdadeira simbiose entre elas, na medida em que, pouco depois do “evento”, “uma teria que falar pela outra. Uma seria a voz da outra” (p. 23). Desse modo, as responsabilidades ficam claramente definidas: caberia à que emprestaria a voz, “percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu”, ao passo que esta “teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar” (p. 23-24). Superadas as dificuldades iniciais desse gesto fraternal de sobrevivência, o passar dos anos evidencia a consolidação de tal comportamento, conforme relata Bibiana. Veja-se: “[...] esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, até quase nos tornarmos uma a outra, sem perder a nossa essência” (p. 24). Nesse sentido, as identidades de Bibiana e Belonísia podem ser lidas de acordo com a proposta teórica de Stuart Hall, uma vez que “as identidades não são nunca unificadas; [...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; [...] elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (2000, p. 108). E é precisamente no cruzamento entre discursos, práticas e posições traduzidos pelas ações mais simples do dia a dia na fazenda de Água Negra que as identidades de ambas vão sendo instituídas e desenvolvidas. Ouçamos mais uma vez Bibiana:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser. (p. 24)

O compartilhamento do “mesmo órgão” permite que Belonísia possa comunicar-se, dado que não possui condições para tal. A língua de Bibiana assume, por um lado, importante função prática, na medida em que expressa “em sons [...] as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz” (p. 87); por outro lado, ganha relevante função simbólica, pois permite à jovem sem voz a possibilidade de poder exprimir-se pela voz de outrem, mitigando as agruras impostas pelo inevitável silenciamento. Segundo Bibiana, “era a língua [...] que por inúmeras vezes a havia libertado da prisão que pode ser o silêncio” (p. 87). Tal situação torna visível a importância da linguagem na vida dos indivíduos,

como indica Chris Weedon: “It is in the process of using language – whether as thought or speech – that we take up positions as speaking and thinking subjects.”⁴ (2006, p. 126). Logo, as escolhas que fizeram em suas trajetórias de vida motivadas por esse laço indissociável atuam como significativos mecanismos de definição identitária.

A representação da identidade num texto ficcional do porte de *Torto arado* contempla diferentes formas de identificação, que transcendem a esfera da subjetividade. De acordo com Woodward (2000, p. 31), “a etnia e a ‘raça’, o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação”. Sendo em sua ampla maioria descendentes de escravizados africanos a quem não foi dado condições de ascender socialmente, os habitantes de Água Negra sofrem com a discriminação racial, a falta dos direitos mais básicos, como a posse da própria terra cultivada, a exploração de seu trabalho na roça, a ausência de ensino adequado, enfim, uma série de desigualdades que privam os indivíduos de melhorarem suas vidas. Apesar do sofrimento que lhes é imposto pelos donos do poder, nota-se que não esmorecem diante das dificuldades, seja estas quais forem. Por exemplo, ainda que severamente castigados pela estiagem, não deixam de compartilhar os alimentos, como fica claro nas seguintes palavras de Belonísia: “[...] aqui era assim desde o princípio, uma mão lavava a outra. [...] Então, o coração mandava dividir o que tínhamos, e por isso sobrevivíamos às piores dificuldades” (p. 151). A velha encantada, ao observar as ações da irmã de Bibiana e de sua gente, corrobora tal entendimento coletivo de solidariedade alicerçado nas agruras do cotidiano. Observe-se: “Sofrer, esse sentimento difícil de exprimir e rejeitado por todos, mas que a unia de forma irremediável a todo seu povo. O sofrimento era o sangue oculto a correr pelas veias de Água Negra” (p. 247). É interessante ressaltar, ainda, que a presença de uma encantada como narradora-personagem da terceira parte do romance avaliza a relevância do elemento religioso para a constituição da narrativa, uma vez que tal instância representa a religião como importante forma de manter a memória coletiva (Halbwachs, 1990) viva e atuante, como se pode visualizar, por exemplo, através da existência de manifestações espirituais e religiosas – as noites de jarê – comandadas pelo pai das irmãs, Zeca Chapéu Grande.

⁴ “É no processo de uso da linguagem – como pensamento ou discurso – que nós adotamos posições como sujeitos da fala e do pensamento.” [tradução nossa]

Embora estejam à mercê do intenso preconceito imposto pela dominação do homem branco, os residentes de Água Negra e região mostram-se corajosos e capazes de falar por si mesmos, manifestando uma invejável capacidade de ajustamento às mais diversas situações. Veja-se um trecho: “Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa *irmandade*, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer” (p. 178-179, grifo nosso). Inerente a esse processo está a narrativa propagada pela classe dominante que visa a diminuir e, até mesmo, a anular a presença do negro. Para isso, erige um discurso alicerçado em uma imagem totalmente negativa do afrodescendente, como se este fosse uma ameaça danosa às relações sociais e ao bem-estar da comunidade branca, incutindo, assim, um sentimento de aversão e ódio *a priori*. Como lembra Schwarcz (2019, p. 40), “faz parte dos discursos conservadores ignorar e desautorizar demandas das minorias que lutam por mais direitos; direitos inalienáveis à sua condição de cidadãos.” Conforme o relato de Belonísia, tratava-se de uma espécie de “medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade” (p. 178). Em suma, aos donos do poder deve ser creditada não apenas a exploração do trabalho e o sofrimento dele decorrente, mas acima de tudo uma exacerbada discriminação no campo simbólico – a violência simbólica teorizada por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1975) –, uma vez que almejar o cancelamento de um grupo étnico em sua totalidade qualifica-se como uma das mais atrozes vilanias existentes⁵.

Buscando reverter esse processo altamente discriminatório, o primo e futuro marido de Bibiana, Severo, decide lutar pelos direitos de seu povo, em um incessante trabalho de despertar a consciência de sua gente para os problemas que os afligem. Bibiana, após o assassinato do esposo, toma para si tal ação, proferindo um apaixonado

⁵ Registre-se, ainda, a naturalização da dominação do branco sobre o negro, circunstância na qual a própria identidade precisa ser ocultada para que se possa garantir a sobrevivência. Observe-se um trecho: “Miúda e o povo daqui não diziam que eram pretos. Pretos não eram bem-vistos, tinham que deixar a terra. Então dizia que era índia. Os outros diziam que eram índios. Índio não deixava a terra. Índio era tolerado, ninguém gostava, mas as leis protegiam, era o que pensavam” (p. 223). Percebe-se, aqui, a preocupação constante com a posse da terra, em ser dono do próprio espaço. Corolário disso é a representação no romance do apreço e do amor pela terra evidenciado pelos moradores de Água Negra. A presença da epígrafe de *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar, igualmente sugere o forte vínculo do ser humano com a terra. Sobre a relação visceral do homem com a terra, sugerimos a leitura de Dardel (2011).

discurso no qual intenta conscientizar os moradores de Água Negra (cf. p. 217-222). E é precisamente Bibiana quem sintetiza todo o orgulho que significa pertencer à identidade negra. Leia-se: “Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela região. ‘Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas’” (p. 256). Tais empreendimentos revelam toda a força que a etnia negra possui para lutar pelo que é seu de fato, minando, desse modo, o discurso racista que, infelizmente, ainda se faz presente na sociedade brasileira.

Torto arado apresenta-se, assim, como uma obra profundamente necessária para pensarmos o Brasil de hoje sob o ponto de vista da ficção, devido a capacidade *sui generis* que o texto literário possui de representar a realidade da qual somos parte. Embora questões como racismo, discriminação, preconceito e desigualdade social estejam sempre na ordem do dia, sendo constantemente debatidos, ocorre um processo, por vezes inconsciente por parte da sociedade, de minimização e, até mesmo, de apagamento de tais problemas cada vez mais espinhosos. Nesse sentido, Itamar Vieira Junior, com o seu *Torto arado*, demonstra com grande domínio de expressão a linha de força intrínseca à literatura que objetiva dar voz aos esquecidos e silenciados pela história. A obra de arte literária, segundo tal perspectiva, “segue itinerários que margeiam e ultrapassam as barreiras das interdições, que levam a dizer aquilo que não se podia dizer, a uma invenção que é sempre uma reinvenção de palavras e histórias recalcadas na memória coletiva e individual” (Calvino, 2006, p. 208).

Por conseguinte, a leitura de um romance da envergadura de *Torto arado*, pautado sob a égide da resistência a quaisquer discursos totalizantes e discriminatórios, convida o leitor a continuar acreditando na humanidade, a nutrir sentimentos de empatia e amor pelo próximo e, é claro, a ter esperança “na luta que pode ser a vida todos os dias” (p. 242).

Referências

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CALVINO, Italo. Cibernética e fantasmas (Notas sobre a narrativa como processo combinatório). In: _____. *Assunto encerrado: discursos sobre literatura e sociedade*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 196-215.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. Filosofia e literatura. In: _____. *Hermenêutica da obra de arte*. Tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 91-110.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

OLIVEIRA, Joana. “Tudo em ‘Torto arado’ é presente no mundo rural do Brasil. Há pessoas em condições análogas à escravidão”. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-12-02/tudo-em-torto-arado-ainda-e-presente-no-mundo-rural-brasileiro-ha-pessoas-em-condicoes-analogas-a-escravidao.html>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Gisele. Escritor baiano Itamar Vieira é um dos convidados da Flip 2020: 'Minha escrita é um trânsito'. Disponível em:

<<https://atarde.uol.com.br/cultura/literatura/noticias/2148310-escritor-baiano-itamar-vieira-e-um-dos-convidados-da-flip-2020-minha-escrita-e-um-transito>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

WEEDON, Chris. Subjects. In: EAGLETON, Mary (Org.). *A concise companion to feminist theory*. Londres: Blackwell Publishing, 2003. p. 111-132.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Bruno Brizotto

Doutor em Letras